

PORTUGAL-GUINÉ-BISSAU: AS NEGOCIAÇÕES QUE NÃO PODEM FALHAR

Texto de FERNANDO CASCAIS/Fotos (C) CAMERA PRESS/SYGMA/FERIAQUE/A.D.S./FLAMA

Ao cabo de uma semana, interromperam-se as conversações de Londres, entre o Governo Provisório e o P. A. I. G. C. Ao iniciarem-se esperava-se um acordo ao fim de três dias. As dificuldades, porém, parecem ter aumentado, sobretudo com a entrada da questão de Cabo Verde na matéria. Não obstante, e uma vez que o P. A. I. G. C., já aceitou negociar, separadamente, os problemas destas ilhas e os da Guiné-Bissau, Estado que o Governo português deverá reconhecer, como outros oitenta países, não existirá — segundo os negociadores — qualquer malogro. Entretanto, vindo de Londres, Mário Soares, chefe da delegação portuguesa, passou por Paris (encontros com o novo ministro dos Estrangeiros francês e com o presidente Senghor, do Senegal) e um telegrama da Reuter anunciava que Lusaka seria o cenário de novas negociações, desta vez com a Frelimo. Dentro de dias, retomam-se as conversações de Londres. Foram já alcançados acordos quanto a pontos fundamentais, declarou Mário Soares no regresso da primeira semana de contactos que decorreram sob um sigilo que exasperou um magote de jornalistas.

ESTAS negociações não podem falhar." A frase foi uma das poucas que os jornalistas puderam colher dos porta-vozes quase silenciosos das delegações que, numa "suite" do segundo andar do Hyde Park Hotel de Londres, somavam horas de reunião e discussões para tentar resolver uma guerra colonial de onze anos.

De um lado, uma delegação portuguesa chefiada por Mário Soares, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório e

secretário-geral do Partido Socialista; do outro, uma delegação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (P. A. I. G. C.), dirigida pelo major Pedro Pires, vice-ministro das Forças Armadas do estado da Guiné-Bissau, proclamado unilateralmente independente em Setembro de 1973, pelo P. A. I. G. C., e já reconhecido por 84 países das Nações Unidas.

À data que estas linhas são escritas, as conversações de Londres completaram uma

semana, quando, inicialmente, estavam previstas para cerca de três dias. Razões? Dificuldades, segundo parece, mas não o malogro, porque — como disse um delegado próximo da representação dos nacionalistas guineenses — "as negociações não podem falhar".

Ao cabo de uma semana de encontros, cerca de 24 horas tinham sido gastas em conversações secretas no Hyde-Park Hotel. No átrio do vitoriano hotel, um magote de jorna-

listas e observadores, entre os quais muitos portugueses, lutavam contra o silêncio dos elementos das delegações, os quais — como um dos jornalistas portugueses afirmou numa das suas crónicas — parece que, antes de iniciarem as conversações, já tinham celebrado um pacto: o do silêncio.

Portanto, foi debaixo de um sigilo apenas cortado por frases isoladas, pontas de uma complexa meada que os observadores, tateando, tentavam desvendar em prognósticos mais



O dr. Mário Soares e o tenente-coronel Almeida Bruno, sempre cercados por representantes dos órgãos de informação, entram no Hyde Park Hotel.



A delegação do P.A.I.G.C. vai entrar no Hyde Park Hotel, em Londres, para mais uma sessão de conversações com a representação portuguesa.